

**UMA NARRATIVA SOBRE A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE FRANCISCO
DE ASSIS NUNES**

Estella Paiva Nunes¹
Arcângelo da Silva Ferreira²

Resumo: Esta pesquisa procura reunir indícios para narrar a partir de memórias, parte da história de Francisco de Assis de Nunes (1953 -2017). Através de entrevistas com seus filhos e sua esposa buscamos esboçar a referida narrativa, principalmente por meio de acontecimentos relacionados ao processo migratório da Ilha de Cotijuba (Pará) à cidade de Parintins (AM). Adotamos, assim, a metodologia da História Oral. Nessa linha, dentre as várias possibilidades, esta investigação mostra que a memória suscita novas histórias a partir, mas não somente, da oralidade. Com isso, as lembranças nos ajudam a compreender aspectos relativos às experiências vividas do sujeito investigado.

Palavras-Chaves: Memória, História, Cotijuba, Parintins.

¹ Acadêmica do 8º período de História da Universidade Estadual do Amazonas-UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP. E-mail: estellapaiva16@mail.com

² Licenciado em História (UFAM), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM), doutorando em História Social na Amazônia (UFPA), professor da UEA/CESP, asf1969@outlook.com

INTRODUÇÃO

A linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer claramente que o aquele é construído segundo as necessidades deste. (FERREIRA, 2012, p. 177)

Este artigo narra a trajetória histórica de um sujeito nascido em Icoaraci, distrito da cidade de Belém, no ano de 1953: Francisco de Assis Nunes. Nas experiências vividas ao longo de seus 64 anos de idade, constam episódios que trazem momentos expressivos para se pensar sobre a história em que esse sujeito esteve inserido. Dentre os quais, aqueles oriundos das vivências de sua infância no *Educandário Raimundo Nogueira de Faria*, e o acidente do barco *Sobral Santos* na cidade de Óbidos- PA, em 1981, acontecimentos que deixaram marcas indeléveis em sua vida, conforme seus depoimentos. Nesse sentido, fizemos algumas escolhas, posto que a escolha para o historiador “é um autêntico problema de ação. Ele nos acompanhará ao longo de todo nosso estudo”. (BLOCH, 2001, p. 52).

Pretendemos traçar um esboço da trajetória de vida do senhor Francisco. Contudo, em termos de pesquisa histórica é sabido que “uma história de vida é inseparavelmente o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU, 2000, p. 181). É impossível relatar todos os acontecimentos que regeram a vida dos sujeitos, pois, o pesquisador precisa elencar determinados fatos. Daí, como assevera Bourdieu (2000): a biografia é uma ilusão. Conscientes dessa limitação, pretendemos esboçar a história de vida de Francisco Nunes, usando alguns indícios, para, assim, desenhar uma narrativa, essencialmente, direcionada às suas experiências vividas relativas a determinados acontecimentos referentes àquilo que podemos denominar de *memória traumática*. Desta maneira, fontes narrativas, impressas, iconográficas, documentos pessoais serão usadas para que desde tais fontes possamos construir nossa narrativa.

A história oral será utilizada como método para atingirmos as nossas intenções nessa investigação histórica. Conforme Alessandro Portelli, a história oral é uma ciência que busca o significado da memória a partir dos registros presentes nos relatos dos sujeitos, pois, as lembranças, se reportam a determinados acontecimentos inerentes à

experiências e vivências das quais fazem ou fizeram parte, direta ou indiretamente, de suas trajetórias históricas. Cabe ao historiador analisar a partir de problematizações o que é evidente e o oculto nos referidos relatos, pois, por vezes os silenciamentos são chaves eficazes para a interpretação dos enigmas deixados no tempo.

O *corpus de análise* para nossa pesquisa histórica gira em torno de depoimentos de familiares (esposa e filhos), assim como o depoimento de Francisco de Assis Nunes. Outras fontes como o jornal *A folha de São Paulo*, imagens da ilha de Cotijuba e imagens do *Educandário Raimundo Nogueira de Faria* e relacionadas ao acidente do barco *Sobral Santos*, fotos do senhor Francisco e de seus documentos.

O artigo verifica a trajetória do senhor Francisco de Assis Nunes, usando como base as entrevistas feitas com seus filhos e sua esposa. Problematizamos a trajetória histórica de Francisco Nunes a partir do relato de sua esposa Dona Maria Francisca e por último, analisamos os fatos da História do Pará e do Amazonas em que seu Francisco presenciou. A escolha do tema é pessoal, pois Francisco Nunes pertence à família da pesquisadora³: durante a infância inúmeras vezes as histórias sobre a Ilha de Cotijuba e do acidente do barco *Sobral Santos*, na cidade de Óbidos representaram episódios que chamavam (e chamam até hoje) atenção. No processo da investigação foi possível analisar certas passagens na vida dele e relacionar com as questões históricas da região.

Como as experiências e as vivências de Francisco de Assis Nunes podem se constituir um *campo de possibilidade* para a reescrita de parte da história da Ilha de Cotijuba⁴ e de seu relato como sobrevivente no naufrágio do barco *Sobral Santos*? Consiste na pergunta que impulsionou esta investigação.

Memória e história de seu Francisco: do Pará até o Amazonas:

³ Avô de Estela Paiva Nunes e filha de Chirley Paiva Nunes

⁴ “Para os órgãos oficiais, Cotijuba é uma Ilha localizada geograficamente, entre as Ilhas do Marajó e as Ilhas de Jutuba e Paquetá, a margem direita do estuário do rio Pará, entre as baías do Marajó e do Guajará [...] O lugar Cotijuba ainda foi espaço estratégico para fins políticos e militares, pois no início do século XIX, sua localização geográfica permitia proteger Belém de invasores. (...) Segundo estudos sobre a história do lugar Cotijuba, a Ilha foi comprada pelo desembargador Raimundo Nogueira de Faria de uma viúva conhecida apenas pelo nome de Joana pela quantia de 37.650\$000 (trinta e sete contos, seiscentos e cinquenta mil réis), a compra foi com o objetivo de implantar na Ilha um educandário, uma colônia reformatória para menores infratores e abandonado da cidade. Sua meta era preparar os meninos e meninas com uma educação técnica profissional”. (MELO, 2008, p. 11 -12)



Imagem 1: Arquivo Pessoal, 2017.

Filho de Maria Sebastiana Nunes e Francisco de Assis Nunes nasceu em 29 de janeiro de 1953, em Belém, no distrito de Icoaraci, na residência de seus pais. Aos cinco anos perdeu sua mãe, e seu pai tinha abandonado a família. Sendo ele o filho caçula, as irmãs de sua mãe não tinham condições para criar todos os filhos da sua falecida irmã. Por isso, Francisco foi mandado para ilha de Cotijuba para viver no orfanato.⁵ Verificamos que desde a denominada era Vargas o educandário foi ativado. Na conjuntura do regime civil-militar esse tipo de instituição é o testamento de determinada continuidade histórica. Eram feitas visitas na Ilha de Cotijuba por importantes pessoas, que era uma forma de mostrar que estava sendo necessária a implantação de um reformatório, como Francisco Nunes nos conta:

Minha tia Rita me convidou pra comprar o peixe lá em Icoaraci quando eu cheguei lá pra comprar o peixe não era o peixe era a canoa do Cotijuba estava lá esperando ai me entregou pro Dantas Brasil, tenente Dantas, aí passei duas horas e meia pra chegar no Cotijuba quando chegou lá me entregaram pro seu Raul me entregaram pra ele lá eu fui cortar o cabelo rapado, de lá eu fui ponta debaixo de caçamba quando eu cheguei lá em ponta debaixo pensei que ia pro colégio né, mas já tinha passado do colégio lá aonde eu estava em ponta debaixo era um castigo lá, aí só de cueca amarraram minhas pernas, meus braços, e botaram eu deitado na praia fiquei muito assustado porque eu pensei que tinha botado eu pra cobra me comer ou o jacaré né de lá passei o dia todinho sem beber água e comer nada de lá que fui pro prédio Cotijuba.

⁵ De acordo com Melo (2010) O objetivo do educandário CRC era de abrigar, corrigir e recuperar os menores abandonados. O primeiro interventor de Getúlio Vargas no Pará foi o major e posteriormente o coronel Magalhães Barata. A colônia reformatória de acordo com o coronel serviria para reaver as crianças que eram órfãos, retirando das ruas da cidade. “Foi por volta de 1932 que a construção da CRC começou e sua inauguração foi idealizada pelo interventor e pelo desembargador no ano seguinte. A consagração e divulgação do acontecimento ficaram por conta do jornal *O Imparcial*, através de notícias sobre a ilha de Cotijuba e sobre a construção da CRC”. (MELO, 2010 p.80).

Ao ser entregue no educandário na ilha de Cotijuba, sua infância não foi nada fácil, não era apenas um orfanato⁶, mas sim um lugar de sobrevivência todos os dias, as regras tinham que ser cumpridas senão seriam torturados até morte. Ao chegar ao orfanato, Francisco Nunes relata que sentiu muito medo: eram militares que ali comandavam, tinha que obedecer e viver de acordo com as normas do lugar. Os órfãos apanhavam, eram maltratadas e os que eram considerados malcriados chegavam até ser mortos ou sumiam. Por isso, dizem que a ilha de Cotijuba é uma ilha encantada, pois ali sumiu muitas crianças no tempo do orfanato. Francisco Nunes descreve que ali haviam fantasmas: na praia surgiam crianças. Os castigos dados pelos militares eram cruéis, machucavam as crianças, passavam fome e trabalhavam na ilha, os órfãos plantavam, mas não podiam comer se fossem pegos eram castigados.

Conforme os estudos sobre a temática, a partir de 1934, eram recolhidos e presos pela polícia todo e qualquer menor de idade que estivesse perambulando pelas ruas da cidade a ponto de cometerem algum “ato delinquente”. Assim que eram recolhidos e presos pela polícia civil, agentes do Estado encaminhavam-nos para a central de polícia ou diretamente para a CRC para que lá pudessem aprender algum ofício “que lhes ocupasse a mente em coisas edificantes”, ou seja, eram levados á CRC para receberem educação para evitar que se tornassem criminosos já na primeira fase de suas vidas. (MELO, 2010 p.82 – 83), transferência que é detalhada em fontes impressas:

Vae para Cotijuba.

Vindo de Val de Cães com officio do comissário de Polícia Local, foi recolhido preso, hoje (09.06.1934), à Central de Polícia o menor Aurelino Alves de Lima, paraense, branco, de 13 anos, que naquela localidade perambulava sem ocupação. Aurelino vae para a Escola Reformatória de Cotijuba, onde receberá educação, afim de não ingressar tão novo na escola do crime” (Jornal *O Imparcial* 1934).

Abaixo registramos a imagem do educandário:

⁶ De acordo com Callou é no governo de Vargas que a responsabilidade do Estado pela criança se concretiza, por meio de leis e normas. Questões econômicas e sociais passam a serem preocupações nacionais. É recorrente também nos jornais “A Província do Pará” em finais dos anos 50 e na década de 60, denúncias sobre as precárias condições destes espaços que acolhem e instruem a infância, bem como súplicas ao governo para que assuma sua responsabilidade com as mazelas sociais que assolam Belém, principalmente na saúde e educação. (Anais do III CONEDU, 2012 p.7)



Fotografia 7: Prédio do Educandário Nogueira de Faria pronto para inauguração na década de 1930, com destaque para boa infraestrutura e pouca ocupação humana
Fonte: A Província do Pará (1973)

Imagem 2: Prédio do Educandário

Fonte: MELO, Odimar do Carmo. Apud: Jornal A província do Pará, 1973.

O orfanato era um prédio grande tendo dois pavilhões. A partir de Melo (2010) o autor descreve que os pavilhões eram separados por uma área central frontal, onde o primeiro pavilhão abrigava um dormitório, almoxarifado e o alojamento dos inspetores. O segundo pavilhão serviria de refeitório e copa/cozinha, já que a parte central do prédio era composta de dois pavimentos, onde o primeiro era destinado à portaria e secretária e o segundo serviria de abrigo aos diretores do CRC.

Voltemos às fontes narrativas:

Ao sair do trabalho tomei um banho, entrei na fila fui almoçar duas horas de novo meu trabalho capinar até cinco horas isso no Cotijuba isso aí cinco e meia o cara entra na fila de novo pra jantar sete e meia era formatura geral pra chamar o pessoal pra dormir. O Cotijuba foi uma coisa muito estranha. Durante eu esta lá no Cotijuba foi quatro, não lembro, entregaram o cargo. Ai mudou de diretor Clodomiro das neves tenente coronel da policia militar muito mal, ele começou a matar os meninos eu estava na lista já na lista negra pra morrer aí no dia que eu estava na lista eu fugir e fui pego, passei seis meses no xadrez, ai pararam de bater na gente lá, eu não fui, mais marchar que eles não deixaram mais eu marchar porque eu já estava com 12 anos né, aí com 13 anos mudou diretor de novo foi o tenente aí colocaram um apelido nele (risos)[...]

Aí cheguei a Belém lá em Cotijuba aquele que não sabia viver morria, nós fizemos o cemitério lá muito grande, 200 rapazes fazendo o cemitério pra enterrar os caras que morria lá tem muita gente enterrado lá, menino, criança, funcionário sabe. Aí o Dantas Brasil fez a gente fazer um cemitério, os meninos morriam por serem maltratados, os funcionários do governo maltratavam os meninos, levavam comida da gente pra comer com as famílias deles e nós comia aqueles ossos sabe, era muito massacre, já o

tenente lima chegou com 500 carneiros lá pra gente criar era o que a gente comia carneiro, ia nascendo ia crescendo e a gente ia comendo né. Era muito sufoco o Cotijuba, os que escaparam hoje è doutor, enfermeiro. Eu não morri porque eu sobrevivi lá né. E também não deixei o pessoal morrer, eu cuidava, ajudava dava remédio eu já estava com 14 anos, mas os funcionários levavam è a comida da gente pra trocar com cachaça e deixava nós com fome lá. Começaram a matar a gente de fome lá.

Depreende-se do relato que o único dia que os órfãos saiam da ilha eram quando iam marchar em Belém. Segundo conta Francisco Nunes, a família não visitava as crianças. Iam crescendo ali, face às inúmeras situações que eram submetidas. Na ilha, até hoje Francisco tem na mente cada detalhe daquele lugar. Principalmente quando ele viu chegar à ilha seu irmão, se preocupava, pois sabia como era viver naquele ambiente, tentava proteger seu irmão não deixando ninguém bater nele. Como Francisco Nunes já vivia no reformatório há bastante tempo, tinha um respeito diante dos outros órfãos e dos agentes. Eles tentaram fugir nadando da ilha, mas sempre eram capturados e acabavam voltando para o orfanato.

Segundo o autor MELO (2010) é possível verificar que os menores que ficavam pelas ruas da cidade de Belém eram levados para ilha e encaminhados para o reformatório, essas medidas não eram contestadas pela população. As crianças eram às vezes conduzidas por suas próprias famílias, como aconteceu com Francisco Nunes quando após a morte de sua mãe, sua tia o entrega para viver no educandário. Ele conta sobre a conduta dos internos que era rígida, não podiam sair sem autorização dos seus responsáveis. Podemos perceber, diante dos relatos que os órfãos ficavam juntos com os presos que eram levados para Ilha de Cotijuba, então acabavam convivendo no mesmo ambiente.

Quando fala do educandário existente na ilha, onde Francisco Nunes esteve Melo discorre:

É importante ressaltar que os funcionários do antigo reformatório, bem como seus familiares deixam Cotijuba e buscam outras Ilhas ou mesmo Icoaraci para viverem. Alguns presos que se reabilitaram durante o período continuaram morando na Ilha e desenvolvendo atividades produtivas que antes desenvolviam na antiga colônia penal (agricultura de subsistência e coleta de frutos). Entende-se então que a ocupação histórica da Ilha se dá mediante a construção e funcionamento do reformatório Nogueira de Faria, pelo engenho de arroz da Fazendinha e pelo papel que a mesma desempenhou como espaço de refúgio dos “rebeldes” cabanos da revolta da Cabanagem. (MELO, 2008, p. 12).

O tenente era ruim, mas era bom pra da comida pra gente, [risos] era barriga cheia. Não estou lembrado o nome dele, não batia na pessoa, mas era severo o trabalho lá, quando eu vi chegaram 50 [pessoas] lá no Cotijuba passei cinco anos lá. Cheguei lá em 62 [1962] acho que comia ate gente lá quando eu chegava no castigo tinha só sangue. Fugiram e morreram muita gente. [..]

De acordo com Melo (2010) o educandário estava ligado “Ao governo de Moura Carvalho (1947), quando o desembargador Nogueira de Faria decidiu transferir da responsabilidade do educandário para o Estado. Após vários governos, acabou transformando em presidio sendo desativada entre 1975- 1978 pelo governo de Aloísio da Costa Chaves, sendo a ilha julgada como colônia penal.

Ao sair do orfanato, já adolescente, foi entregue para sua avó. Desde então começou a trabalhar em Belém como autônomo, foi morar sozinho e passou um tempo nos garimpos e não tinha muita aproximação com a família pelo tempo que ficou no orfanato, mas reencontrou seus irmãos que foram criados pelas tias, conviveu com a segunda esposa do seu pai, e vivendo com os seus irmãos por parte de pai. Hoje ele e sua esposa são aposentados, ao todo são nove pessoas na casa.

O pai Francisco Nunes: da memória de seus filhos à História de suas trajetórias

Francisco de Assis Nunes é pai de quatro filhos, sendo um adotivo: Charles Paiva Nunes, e duas filhas Cheila Paiva Nunes e Chirley Paiva Nunes e seu filho caçula Willian Tavares Paiva. Em 2004, perdeu sua filha Cheila Paiva Nunes. Tentamos buscar, a partir das memórias do S.r. Francisco, e de filhos e esposa, como foi viver na ilha de Cotijuba foi um passo inicial da pesquisa. Outro passo foi verificar os significados inerentes aos depoimentos dos entrevistados. Também, obviamente, na sorte de Francisco ainda se encontrar vivo, recorreremos às suas lembranças. A partir das entrevistas com os filhos de Francisco Nunes buscamos os acontecimentos que marcaram a vida deste sujeito. Detectamos no conjunto da oralidade transcrita dois eventos que se repetiam tanto na memória de quem vivenciou os acontecimentos como na memória por tabela. A estes acontecimentos lembrados denominamos de “memórias traumáticas”. Estas memórias trazem detalhes sobre sua infância de Francisco Nunes no educandário na ilha de Cotijuba e o sobre o acidente do Barco do Sobral Santos. Estas memórias, portanto, foram o ponto de partida para a reconstrução da trajetória histórica deste sujeito: “De fato, os textos - tanto os relatos orais como os diálogos de uma

entrevista - são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo)”. (PORTELLI, 1996, p. 04). Assim, nessa pesquisa, a oralidade foi essencial. O relato de Charles Paiva Nunes apresenta indícios reveladores.

Ah, falar dele como pai, ele foi criado por madrasta como eu que sou filho adotivo né. Ele como pai não foi assim um pai, não era de conversar muito, não era de, não era não, ele não é. Dava muito conselho, não gostava de mentira, nunca gostou que a gente tivesse muita amizade porque ele achava que muito de amizade podia dá problema e aí acontecer alguma coisa, ele não gostava que a gente saísse pra casa dos outros eu, a Chirley e a Cheila.⁷

Ele foi um pai,foi essa educação que deu pra gente, ele me adotou, meu pai foi órfão passou um tempo no reformatório. Ele contava que era pior que um reformatório, ele contava história. Eu o considero muito, gosto muito dele e da minha mãe, hoje eu estou casado.

Segundo seu filho, Francisco Nunes foi um homem rígido com a criação dos seus filhos, tentando mostrar a realidade do mundo, nas formas de criar e transmitir educação. Por ser filho adotivo e ter saído cedo de casa, Charles não teve tanto contato com as histórias de vida de seu pai. Porém, procurou estar ligado nas conversas que tinha com Francisco Nunes. Podemos evidenciar no relato que é citado o *Educandário Raimundo Nogueira de Faria* como reformatório onde Francisco Nunes passou boa parte de sua infância, relatando como sendo um péssimo lugar para se viver. É com clareza que percebemos que o educandário surge nas memórias de Charles sendo o lugar onde seu pai passou boa parte de sua infância e que faz questão de contar sobre essa fase da vida aos seus filhos.

Conforme o relato de sua filha, Chirley Paiva Nunes, o reformatório foi a casa de seu pai por um longo tempo, lá ele aprendeu como viver a vida de acordo com as regras impostas pelo lugar.

Desde criança meu pai ele conta tudo que aconteceu com ele, de quando ele era criança que a tia dele colocou ele no Cotijuba ele foi uma criança que perdeu a mãe dele com seis anos de idade. Como as tias não tinham condições, conta que a tia dele pegou e enganou ele dizendo que ia passear com ele chegando lá na beira onde tinha as balsas dos pessoais da Cotijuba colocou ele dentro e entregou-o lá. Ele ficou lá por muito tempo a infância e adolescência dele. Ele conta que pra sair de lá era preciso fugir do Cotijuba porque lá maltratavam muito as crianças, às vezes até morriam as crianças que fugiam de lá só que como foi a tia dele que internou ele lá a tia Rita internou ele lá. Só podia sair de lá com o consentimento dela assim ele foi parar na ilha.

⁷ Chirley e Cheila são filhas de seu Francisco e irmãs do entrevistado

Durante ele estar internado na ilha do Cotijuba eles traziam as crianças pra marchar todo ano, as crianças que estavam internadas ele conta que nessa viagem que ele foi marchar em Belém ele fugiu porque ele estava cansado de ficar na ilha ele sofria muito lá e ao mesmo tempo pegaram um monte de meninos da idade dele e levavam pra lá também eles maltratavam as crianças as crianças sofriam muito lá, as crianças que tentavam fugir de lá se afogavam na ilha porque a ilha fica afastada de Belém só atravessa pra lá em uma balsa o pra poder chegar, o papai conta que os pais deixavam levar pra lá os pais mesmo entregavam as crianças pra irem pra lá, tinha crianças que eram perigosas, algumas que não tinham mães e a família entregava só pra não ter responsabilidade com essa criança assim era o papai perdeu a mãe dele muito novo com seis anos, desde de criança ele ficou lá.

Nos relatos de sua filha ficam evidentes as formas de tratamento no educandário, segundo o que foi contado a ela pelo senhor Francisco que maltratavam os internos. Há no relato também o registro de como seu pai foi parar no reformatório. Aparece nas entrevistas de sua filha Chirley detalhes sobre a relação do sujeito, Francisco, com o lugar onde passou parte de sua infância. Surge então sentimento de revolta ao saber que seu pai teve que ficar boa parte de sua vida e que sua própria família o deixou lá observando também a solidão a angústia e a esperança de sair daquele ambiente, a marcha seria um único momento que talvez desse essa oportunidade de escapar do reformatório. Aspecto que nos reporta a historiadora Arrieste Costa, ao afirmar: A memória é vista como substrato para a reconstrução histórica a partir de processos da rememoração de acontecimentos vividos, pessoas, personagens, lugares, costumes. [...]. A memória almeja a fidelidade. A noção de testemunho possibilita a adequação dos relatos de memórias individuais à veracidade histórica. (2010, p. 22).

Francisco ao lado de Francisca: experiências vividas

As experiências vividas ao lado de Maria Francisca Tavares Paiva são fecundas. Conheceram-se muito jovens em Belém e desde então estão juntos. No relato de Maria Francisca podemos evidenciar uma reconstrução dos momentos que tiveram relativa importância na trajetória Francisco Nunes:

A família do Francisco o pegou a tia dele a mãe dele tinha morrido, ele vivia sozinho com a avó dele só que quem mandava nele era as tias. A tia dele pegou ele enganou ele disse que ia levar ele pra comprar comida lá em Icoaraci quando ele prestou atenção ela tinha levado ele pra ir pra ilha de Cotijuba lá tinha uma lancha que viajava pra lá e todas as quartas feiras eles iam deixar as crianças que iam pra lá, ai ela mandou ele pra lá. A vida dele foi mas na ilha do Cotijuba quando ele já veio ele contava que estava grande, iam acabar com negócio de colégio lá ai trouxeram os meninos pra entregar pra família, mas como a família dele não ia buscar ele não foi encontrar ele ai ele tinha um velho que tomava conta dele lá e conhecia muito ele o seu Zé ele pegou e trouxe ele pra Belém ai foi levar ele na casa da avó dele ai foi a vinda dele de lá com responsável do seu

Zé pra Belém ai eu conheci ele estava já homem bem dizer ai eu conheci ele lá na terra firme que nos morava lá na terra firme e ele também morava lá aí com a convivência nós se juntamos ainda moramos uns 5 anos em Belém ai um dia ele disse que queria conhecer o Amazonas que ele não conhecia ai como eu era filha daqui de Parintins aí eu trouxe ele não para Parintins pra Manaus, em Manaus moramos três anos aí eu engravidei da minha primeira menina aí nós voltamos pra Santarém que eu me agradei de Santarém ai nós ficamos e lá em Santarém e até hoje nós estamos juntos, Deus não quis separar a gente.

Ao relatar detalhadamente as experiências vividas com Francisco Nunes, Francisca vai construindo um percurso sobre a história de vida dele; trazendo questões sobre sua família que lhe entregou ao orfanato muito pequeno. A partir do relato de Dona Maria, é possível fazer uma análise da relação entre suas memórias e as dele, como afirma Conceição: “Escrever uma história de vida é estar atento ao jogo relacional no qual o sujeito biografado esteve envolvido.” (2011, p. 06). Mostrando em seus relatos sobre as idas e vindas pelas cidades. Francisca sempre esteve por dentro da história de Francisco, repassando aos filhos de como o pai deles viveu a sua infância em um reformatório mostrando com sua entrevista que quando Francisco saiu da Ilha de Cotijuba foi para refazer sua vida depois de tantos anos em um educandário. Conhecendo sua esposa, tendo suas filhas e procurando construir sua história de vida. No seu relato fala de uma lancha que saía de Icoaraci que levava essas crianças até ao reformatório localizado em Cotijuba, e que as crianças internadas só podiam sair com o consentimento dos responsáveis pelos internamentos. Ao sair do orfanato sentiu a liberdade que nunca teve a oportunidade de ter ao longo de sua vida, em nenhum momento deixou que essa parte de sua infância influencia-se no seu modo de viver, procurou recomeçar e guardar tudo que viveu em suas memórias.

As memórias sobre acidente com o Barco Sobral Santos (Cisne Branco)

Como dissemos anteriormente um dos episódios que surgem como “memória traumática” nos depoimentos dos entrevistados, essencialmente, de Francisco Nunes é relativo ao naufrágio da embarcação denominada Sobral Santos.⁸ Os relatos indicam que no acidente do Barco Sobral Santos, ocorrido em Óbidos, o comandante estava mais

⁸ Na Amazônia os rios são as vias de acesso às localidades onde as pessoas buscam seus destinos. Por isso, os meios mais populares de transporte são os denominados “barcos de linha”. Estes transportam um número considerável de passageiros. É comum também a negligência relacionada ao controle da correta quantidade de passageiros e cargas, no que diz respeito à segurança das pessoas. Testemunhos históricos sugerem que no caso do barco Sobral Santos, ocorreu gritante negligência. Os relatos utilizados nessa investigação abrem precedentes para a confirmação desta afirmação.

preocupado com a carga do que com os passageiros que vinha transportando, pois a carga valia mais. O acidente com o Barco Motor Sobral Santos, ocorrido no dia 19 de Setembro de 1981, foi noticiado no *Jornal Folha de São Paulo* publicado no dia 20 de Setembro de 1981. Essa embarcação transportava 530 passageiros e 200 toneladas de carga, na linha Santarém – Manaus, e afundou no porto da cidade de Óbidos, no Pará, onde apenas 178 passageiros sobreviveram. O barco pertencia à empresa Onze de Maio Navegação, e fazia a linha que saía de Santarém e ia para Manaus. Com o excesso de carga e de passageiros por uma atitude do comandante, a embarcação adernou e causou a morte de mais de 340 pessoas, 200 delas estão enterradas em valas improvisadas no cemitério da cidade. Os relatos contam que os mergulhadores contratados perfuravam os corpos para que não boiassem. Sabotando a operação de resgate de corpos para que não entrassem nas estatísticas sobre o número de óbitos ocorridos com o referido acidente.⁹ Adiante uma imagem da embarcação:



Imagem 3 – Barco Sobral Santos.
Fonte – Facebook Sgt. Meireles Guardião –
publicado em 19 de setembro de 2016

No referido acidente, Francisco Nunes, sua esposa e suas filhas Chirley e Cheila estavam como passageiras da embarcação, onde contam os seus relatos sobre o que ocorreu naquele dia trágico. Assim nos fala Chirley:

⁹ Aqui abrimos uma nota para arriscarmos certo jogo de escalas. Ora, a desumana preocupação do comandante da embarcação para com as mercadorias pode ser problematizada como o desespero dos médios e grandes empresários para garantir seus lucros, posto que naquela conjuntura, conforme Falcão (2008), a economia do Brasil estava em crise, procurando se estruturar diante de um novo momento político.

Eu era muito criança no acidente do Sobral Santos, eu tinha três anos a minha irmã tinha seis. Éramos crianças quando logo nós entramos nesse barco ele estava cheio de água, só que minha irmã sempre dizia que ela olhou e disse que o barco ia afundar porque tinha muita carga em cima, embaixo e muito passageiro. O papai conta quando o barco chegou em Óbidos as pessoas correram para beira do barco foi nessa hora que o barco virou e foi matando as pessoas, nós não, que o papai segurou a gente, mas não teve jeito, a água veio com tudo porque correnteza jogou com tudo pra fora o barco, quando virou pra fora o barco as pessoas foram morrendo porque se desesperaram; o papai salvou logo minha irmã, a Cheila, só que estava com um ferimento muito feio na perna dela que devido passar por um lugar pra varar pra fora engatou um arame na perna dela que rasgou a perna dela, o papai salvou muitas pessoas ele. Assim como ele salvou a gente ele salvou varias pessoas juntos também, eu fui a ultima a ser achada o papai não deixou eu morrer ele foi buscar meu cadáver só que ele me encontrou viva então nós somos sobreviventes do Sobral Santos o papai conta que ele salvou muitas pessoas só que a policia não estava ajudando, estava era sumindo com as coisas das pessoas e furando os cadáver pro corpo não subir quando fizeram um arrastão assim o papai conta muitos corpos de gente mortas apareceram o papai estava todo cortado devido as garrafas, vasilhames que quebraram no barco ai cortou muita gente isso que foi matando as pessoas.

Nos relatos sobre o Acidente do Barco Sobral Santos, uma das filhas de Francisco, Chirley, demonstra que a memória está reunida em pequenos momentos que foram cruciais para tentar reconstruir a partir da entrevista sobre a história de vida de seu pai sobre o acidente. No seu relato podemos identificar que a entrevistada era criança, por isso, se utiliza da *memória por tabela*, (MOTA, 2012, p. 26) colocando seu pai em vários momentos da entrevista como herói por ter salvado várias pessoas no acidente, mostrando também no seu relato a negligência ocorrida diante da tragédia que tinha acabado de acontecer em frente da cidade de Óbidos. A memória de Chirley sobre o acidente no Barco Sobral Santos é, de certo, traumática. Uma vez mais recorremos às palavras de Chirley Paiva Nunes:

O meu pai conta que a polícia furava os corpos e roubava todas as coisas das pessoas. Tem um lugar em Óbidos, tipo um depósito, ficou cheio de corpos lá. Esse acidente aconteceu, foi culpa do comandante, ele dizia que preferia mais a carga que os passageiros, ele dava valor nas cargas do que nos passageiros por isso que aconteceu esse acidente, mas meu pai foi uma pessoa muito corajosa porque ele não teve medo de salvar as pessoas nem todas as pessoas teve a coragem que ele teve de arriscar a própria vida para salvar outras pessoas. Mas meu pai me salvou, salvou minha irmã e minha mãe. Então, nessa época meu pai não tinha pegado derrame agora ele tem, esse acidente foi muito triste matou muitas pessoas, agora ele não e mais Sobral Santos e Cisne Branco o meu pai não gosta de viajar nele não, preferimos outro barco, mas nele não. Devido o trauma que a gente tem do acidente.

Abaixo registramos outra imagem:



Imagem 4 – criança morta no naufrágio do Sobral Santos.
 Fonte: Facebook Sgt Meireles Guardião –
 Publicado em 19 de setembro de 2016

No depoimento colocado acima podemos verificar que, de acordo com Chirley, as informações do comandante do Barco Sobral Santos. Como podemos ver a imagem apresenta várias possibilidades de análise, como esse homem perto da criança pode ser um sobrevivente e essa criança pode ser sua filha, ou poderia estar ali no dia do acidente no porto da cidade e estaria ajudando no resgate das pessoas. Ao narrar sobre o acidente do Sobral Santos, Maria Francisca indica que estava presente nesse episódio ao lado de Francisco Nunes.

[...] no dia que aconteceu o acidente só tinha um barco porque o Moreira da Silva tinha ido ao prego e só tinha esse barco pra sair o Sobral Santos porque quem saía nesse dia era o Moreira da Silva tinha vindo ao prego e só tinha mesmo o Sobral Santos aí eu o mandei colocar as coisas no barco quando foi de tarde nós fomos embora pra lá com as duas meninas quando nós chegamos lá no barco que eu olhei o barco estava muito lotado de gente e de carga e o barco estava lotado não tinha mas aonde atar redes, tinha muita criança muita gente mesmo, aí quando o barco desatracou quando a gente já estava no meio do rio, aí a minha filha queria ir no banheiro aí fui levar ela quando cheguei no banheiro, a água já estava aqui na canela da gente aí eu voltei e uma senhora também estava lá pra levar a filha dela: ela disse “ai meu Deus do céu está alagando!”. E o porão vinha cheio de carga vinha muita carga. Aí foi que eu fui lá falar com o comandante. Ele disse que fazia questão da carga, ele não fazia questão dos passageiros. Nesse intermédio nos viermos quando nos chegamos em Óbitos era umas, 3 horas da madrugada quando nos encostamos. Ele diz que o pessoal foi pra beira do barco, mas, estava todo mundo dormindo. Eu sei que eles embarcaram cinco sacas e milho. E nessa que eles acabaram de embarcar o barco virou, virou mesmo que não deu tempo pra ninguém pra ninguém mesmo. Quando meu marido me chamou ele vinha acordado ele pegou a menina, a Cheila, eu peguei a

Chirley. E nessa hora, quando já... quando corri pra sair com ela o barco já estava alagado de água. Era caixa caindo, era cerveja, refrigerante, era aquelas caixas de botija comprida de gás aí meu marido ficou pra um lado e eu fiquei pra outro. Nessa hora que eu vou passando perto das caixas aí caiu um monte de caixas e uma mulher se segurou no cós da minha calça. E eu querendo varar com a menina. E nessa hora eu perco minha filha dentro do barco aí eu boiei já só eu, e ele não, ele ficou.

A partir da narrativa de Dona Maria Francisca, percebemos como foi trágica essa experiência vivida ao lado de seus familiares: momento de sufoco e desespero. Segundo o depoimento de Francisco Nunes:

Eu coloquei a mudança, seis horas da manhã quando eu cheguei estava cheio de água o barco aí eu falei pro cara que estava cheio de água no banheiro, aí ele falou quando sair daqui a água sai, correu a noite todinha quando chegou em Óbidos perguntei pro cara que estava fazendo o café e ele falou que era Óbidos aí ele falou o senhor tem cigarro aí, me deia dois e dei o cigarro pra ele, aí depois eu vou levar o café pro senhor, aí quando sentei na beira da rede só vi que o cabo tinha quebrado aí eu chamei a Chica, Chica, Chica, Chica!, o barco vai virar aí fiquei com a Cheila ela ficou com a Chirley quando vi afundou de uma vez três horas da manhã salvei a Cheila depois voltei pra buscar a Chirley, achei a Chirley viva só de calcinha minha filha salvei ela salvei toda minha família só que nós perdemos tudo, roupa, tudo, ficamos só com a roupa do corpo tudo furado de vidro aí eu vim pra Parintins. O cara disse que tinha morrido só dez e tinha muito mortos, quatrocentos e doze morreram, vinha com excesso de carga. Quando cheguei em Parintins o prefeito ajudou muito, me deu trezentos cruzeiros, aí fiquei na casa da minha sogra, eu comecei a vida, aí fui pra Belém recomeçar a vida aí vim pra Santarém e vim pra cá.

No acidente cortavam os dedos dos mortos e tiravam os anéis dos mortos, estavam roubando muitos corpos quando tiram o barco, os cadáveres tudo dentro da rede. Morreu muita criança dentro da rede. Fizeram uma vala pra enterrar as pessoas dentro da rede, contaminou o rio. No galpão tinha vários mortos eu entrei lá, o cara disse assim eu tenho quatro anos pra comer sem fazer nada o polícia de tanto roubar os mortos.

Sobre o acidente do Sobral Santos em Óbidos, relata, com os olhos emocionados, cada detalhe daquele dia aterrorizante, vinha de mudança e perdeu tudo, conseguindo apenas salvar sua família e algumas pessoas que estavam no naufrágio. Vendo os corpos boiando na frente de Óbidos, e a solidariedade da cidade em relação ao acontecimento as lojas abriram e deram roupas, redes, sandálias etc. para os sobreviventes. Os corpos encontrados foram enterrados numa vala sem identificação, sem ter um enterro digno, os sobreviventes ganharam um pequeno dinheiro pra voltar para suas cidades, Francisco veio em um barco para Parintins, relata que o prefeito mandou buscar os sobreviventes que eram de Parintins, e como sua esposa era de Parintins veio chegando à ilha sem nada apenas com algumas roupas e coisas dadas pelo povo de Óbidos, nisto vem a discussão sobre as memórias de Francisco.

Descreve que sua filha mais velha, hoje falecida, Cheila Paiva Nunes, era pequena e deu uma entrevista na rádio no dia do acidente, assim a mãe de sua esposa em Parintins soube que havia acontecido com eles. Ele afirma que na frente da cidade, ficou uma gordura horrível das pessoas que tinham morrido no acidente. Francisco conta que suas filhas tiveram cortes profundos, um no rosto e outro na perna e foram costurados sem anestesia nenhuma, por ter muita gente machucada após o acidente. Em Óbidos foi feito uma vala improvisada para enterrar as pessoas do acidente do barco, algumas sem documento sendo enterradas como indigentes, sem ao menos a família saber. Em frente de Óbidos, um galpão próximo foi usado para colocar os corpos que eram achados. Conta o senhor Francisco que hoje o Barco Sobral Santos viaja como Cisne Branco, e só viaja com músicas a noite, dizem que é por causa dos mortos que morreram no acidente dentro do barco. Após esse acidente, Francisco vai para Belém, com isso, passa em Parintins e volta a morar em Santarém reconstruindo sua vida aos poucos.



Imagem 5 – As valas e os mortos
 Fonte: Facebook Sgt Meireles Guardião –
 Publicado em 19 de setembro de 2016

Quando se lembra dos acontecimentos de sua vida relata para seus netos tudo que aconteceu, sempre frisando o orfanato que viveu e o acidente que sobreviveu. Constata-se, assim, que a memória se constrói a partir de lembranças e através dos

esquecimentos. A memória de seu Francisco è bastante ativa em relação aos fatos e acontecimentos da sua vida. A ilha de Cotijuba marcou muito sua vida, por ter vivido e presenciado tudo, ao voltar em Belém em 2014 ficou bastante emocionado, porém, não teve a oportunidade de voltar na ilha de Cotijuba lugar onde viveu por bastante tempo de sua vida. A ligação com o lugar de memória (trágica, por sinal) pode ser relativizada por meio do que colocamos adiante:

É fundamental reconhecer ainda, que a história não se satisfaz com narrativa. Não, basta portanto, redigir um acontecimento, relendo o documento ou testemunho oral como se ele fosse a ‘fonte da verdade’, porque, para se fazer história, é preciso estar atento aos aspectos aparentemente sem importância, detalhes muitas vezes desprezíveis, termos e palavras sem sentido em uma primeira aproximação. (MOTTA, 2012, p.29)

Analisando a citação acima, verificamos que a história vai além de narrativas abstratas, é preciso perceber nas entrelinhas das emoções e sentimentos e principalmente aquilo que o entrevistado omite em uma primeira abordagem, problematizando este “silêncio” para que numa segunda abordagem, ao tratar deste mesmo assunto, o entrevistado possa dar detalhes de sua trajetória que permita se fazer uma abordagem histórica de acordo com o tema proposto.

A vida de seu Francisco nunca foi fácil sempre teve que batalhar bastante por tudo com sua esposa, para criar seus filhos e hoje vivendo com seus netos. Hoje seu Francisco convive com as sequelas de um acidente vascular cerebral. Sai de sua residência apenas para ir para o banco para receber sua aposentadoria e leva seus netos juntos, chegando em casa colocando seu som alto com CDs de sua terra natal Belém.

Hoje o senhor Francisco de Assis Nunes, tem 64 anos é aposentado, mora em Parintins- AM. Quando sua filha, Cheila, faleceu, em 2004, deixando uma filha, seu Francisco ficou muito abalado e resolveu sair um pouco de Parintins. Passou uma temporada em Alter do Chão. Francisco mora com sua esposa, sua filha e seus netos e seu filho de 19 anos. Pensando em voltar em morar em Santarém, pois ficaria mais perto dos seus familiares em Belém. A memória se destaca em desenvolver uma forte construção de identidade. São fontes histórica que ajudam a identificar o que tem sido lembrado. Francisco afirma que Parintins é uma cidade boa para se viver.

CARTÓRIO GIVALDO ARAUJO
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
Rua Manoel Barata, 1059 - Ponta Grossa
CEP: 66.812-020 Fone: (91) 3247-3308

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME
FRANCISCO DE ASSIS NUNES

MATRÍCULA
066050 01 55 1964 1 00063 040 0050837 59

Data de Nascimento (por extenso) Dia Mês Ano
VINTE E NOVE DE JANEIRO DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E TRÊS 29 01 1953

Hora Município de Nascimento e Unidade de Federação
03:00 **BELEM - PA**

Município de Registro e Unidade de Federação Local de Nascimento Sexo
Belém - PA **Em domicílio - Icoaraci** **masculino**

Filiação
MARIA SEBASTIANA NUNES

Avós
FRANCISCO DAS CHAGAS e ANA NUNES DAS CHAGAS

Gêmeo(s) Nome e Matrícula do(s) gêmeo(s)
NÃO

Data do Registro de Nascimento (por extenso) Número da Declaração de Nascimento Vivo
DOZE DE AGOSTO DE MIL NOVECENTOS E SESSENTA E QUATRO **Não informado**

Observações / Avertações
Registro feito de acordo com a Lei Federal nº 765 de 14 de julho de 1949.

Nome do Oficial
CARTÓRIO GIVALDO ARAUJO
Oficial Registrador: Givaldo Gomes de Araujo
Município: Icoaraci - Belém - PA
End.: Rua Manoel Barata, 1059 - Ponta Grossa
CEP: 66.812-020 Fone: (91) 3247-3308

Selo H 000.816.448
O referido é Verdade e dou fé
Icoaraci - Belém - PA 21 de Janeiro de 2014

SUA HISTÓRIA REGISTRADA COM SEGURANÇA

Imagem – 6: Registro de Nascimento
Arquivo Pessoal



Imagem 7: Escombros do orfanato - *Orfanato Educandário Raimundo Nogueira de Faria*
Fonte: Revista Via Amazônia <http://revistaviaamazonia.blogspot.com.br/2016/03/ruinas-do-antigo-presidio-de-cotijuba.html?m=1>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi resultado das entrevistas sobre a vida de seu Francisco e os acontecimentos que foram significativos para tentar reconstruir parte da história, de seus episódios mais importantes, de como as lembranças podem nos ajudar a contextualizar processos históricos mais amplos. Buscamos manejar as memórias de Francisco de Assis Nunes, esboçando a partir das entrevistas sua trajetória de vida desde a infância no Educandário na ilha de Cotijuba até o acidente no barco Sobral Santos. Com as memórias dos familiares.

Com as fontes orais pudemos analisar a partir das entrevistas de seus filhos e sua esposa a trajetória de seu Francisco da ilha de Cotijuba até o acidente do Barco Sobral Santos, as imagens sobre o acidente e a ilha vieram como fonte na pesquisa como forma de reafirmar a memória em torno do tema. Trabalhar com a trajetória de seu Francisco exigiu que ele falasse sobre o assunto, explica – lo que sua entrevista seria usada para uma pesquisa. No primeiro momento se recusou mais depois se abriu e começou a narrar os acontecimentos. Segundo desafio da pesquisa foi entrevistar Charles Paiva Nunes seu filho, pois mora em Santarém a entrevista foi feita pela internet. Terceiro desafio da pesquisa foi as fontes visuais a seleção, onde algumas demandaram uma intensa pesquisa para achá-las.

Trabalhar com a trajetória de vida de Francisco foi significativo, a pesquisa trouxe inúmeras informações que tivemos acesso apenas com o trabalho e a interpretação das fontes orais e escritas, que fizeram uma junção com a memória de seu Francisco construindo assim a pesquisa.

A elaboração desta narrativa foi impulsionada por sempre escutar as histórias de Francisco Nunes sobre o educandário e sobre o acidente do Barco Sobral Santos que ele foi sobrevivente, portanto isso estimulou a curiosidade em aprofundar nesses dois acontecimentos, buscando entender como foram esses dois episódios que aconteceram na família da pesquisadora e que sempre estavam presente nos diálogos em sua casa. Portanto poder escrever sobre sua trajetória de vida do seu Francisco foi uma maneira de mostrar um pouco sobre sua vida na pesquisa.

FONTES ORAIS

Chirley Paiva Nunes. Solteira 37 anos, autônoma. Entrevista feita por Estella Paiva Nunes, realizada no dia 15 de julho de 2017, na sua residência, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

Francisco de Assis Nunes. Casado 64 anos, aposentado. Entrevista feita por Estella Paiva Nunes, realizada no dia 15 de julho de 2017, na sua residência, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

Maria Francisca Tavares Paiva. Casada. 65, aposentada. Entrevista feita por Estella Paiva Nunes, realizada no dia 15 de julho de 2017, na sua residência, na cidade de Parintins; a gravação foi feita em áudio.

Charles Paiva Nunes. Casado. 38 anos, autônomo. Entrevista feita por Estella Paiva Nunes, realizada no dia 16 de julho de 2017, a gravação foi feita em áudio enviada virtualmente através de rede social.

LINKS

<http://revistaviaamazonia.blogspot.com.br/2016/03/ruinas-do-antigo-presidio-de-cotijuba.html?m=1>

http://googleweblight.com/?lite_url=http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20set1981.htm&ei=J4DQNIAM&IC=pt-BR&s=1&host=www.google.com.br&ts=1508198304&sig=ANTY_L275M5jZSqFSweFOQPoWSsGu_e7lg

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Ilusão Biográfica**. In.: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). – 3ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Bloch, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**/ Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CALLOU, Maria Lucirene Sousa. **Institucionalização de crianças pobres em belém do Pará: práticas de assistência e educação no sistema de internato (1943-1966)**. Anais do III Congresso Nacional de Educação, 2012.

CONCEIÇÃO, Livia Beatriz da. **História e Biografia: limites e possibilidades teóricas**. Revista Cantareira jul.-dez./2011

COSTA, Arrisete C.L. **Biografias históricas e práxis historiográficas**. João Pessoa: Revista Saeculum, 2010.

FALCÃO, Frederico José. **Resgate de uma década: A conjuntura política brasileira nos anos 80**. Juiz de Fora: Revista Liberas - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social/ Universidade Federal de Juiz de Fora. Vol 08 nº 01, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral: velhas questões, novos desafios**. In: **Novos domínios da história**; Organizadores Ciro Flamiron Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MELO, Odimar do Carmo. **A comunidade e a construção do lugar na Ilha de Cotijuba**. Belém: PPGeo/UFPA, 2008.

MELO, Odimar do Carmo. **O lugar e a Comunidade na ilha de Cotijuba – PA**. Belem: Programa de Pós – Graduação em Geografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Universidade Federal do Pará, 2010.

MOTTA, Marcia Maria Menendes. História, Memória e Tempo Presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado**. Rio de Janeiro: Revista Tempo. Vol. 01 nº 02, 1996.